

MÚSICA DIALÉTICA DE CENA E A COMPOSIÇÃO COLETIVA NO TEATRO DE GRUPO: “YOUKALI – A ILHA DA MAGIA”¹

Nicolas M. Lopes Q. Dos S. Correia², Fátima Costa de Lima³.

¹ Vinculado ao projeto “Imagens Políticas no Carnaval das Escolas de Samba”

² Acadêmico do Curso Teatro – CEART – Bolsista PROBIC/AF

³ Orientadora, Departamento de Artes Cênicas – CEART – costadelimafatima@gmail.com

Esta pesquisa fundamenta-se na experiência prática do autor Nicolas Lopes na construção e produção da peça radiofônica “Youkali – a ilha da magia”, uma peça didática autoral e produzida coletivamente pela Cia Mosca (Grupo de artes da cidade de Florianópolis), em relação com as referidas bibliografias e debates apresentados no grupo de pesquisas, “Imagens Políticas”. A pesquisa tem como foco, sobretudo analisar os pontos de digressão na prática artística que me levaram ao termo “musica dialética de cena”, pensando o teatro didático de Bertold Brecht como uma espécie de “modelo – ação” também para a composição das músicas da peça radiofônica. A peça - constituída por um prólogo e quatro episódios - retrata a saga de três figuras arquetípicas do trabalho em busca do sonho de chegar até uma ilha mágica, cujo qual eles escutam através de uma notícia na Rádio, mas são compelidos a esquecer à medida que lembram – se de sua existência. Os episódios e o prólogo são compostos acompanhados de sete músicas autorais produzidas coletivamente durante o processo de produção da peça, em relação com os estudos desenvolvidos no grupo de pesquisa, e com a troca de materiais pré – acabados.

A música neste contexto de criação, é tratada como algo não ornamental no processo de composição da peça, torna – se um disparador para a criação coletiva no grupo, uma vez que, para além da necessidade de letramento musical do grupo, haveria uma disposição coletiva para refletir o papel da música na peça. A ideia de uma música dialética de cena surge a partir dos estudos filosóficos de Walter Benjamin sobre as peças didáticas de Bertolt Brecht assim como o Teatro épico pensando a música como uma matéria de estranhamento da narrativa, comparada ao gesto citável na cena a música seria a ferramenta de espanto que, por sua vez, muda o curso contraditório dos enunciados da peça, “O estancamento no fluxo da vida real, o momento em que seu transcurso cessa, torna – se perceptível como refluxo: o espanto é o refluxo” (BENJAMIN, 2017, p.20). Ao entrar em contato com as reflexões elaboradas a partir da leitura dos estudos de Benjamin sobre Brecht, a dialética chega como uma possível linguagem de transferência de seu uso concreto na cena Épica para a composição coletiva de uma peça didática, ao transferir a ideia de “gesto” como “mãe da dialética” (BENJAMIN, 2017, P.20) para o processo de produção e fruição das músicas de Youkali.

Outro ponto de reflexão que leva a música como matéria dialética da peça, é a não separação crítica dos corpos que produzem a música, levando em conta suas formações diversas, histórias e o não letramento acadêmico na linguagem musical, que por sua vez, coloca o grupo em uma situação de trabalho a partir da experiência em direção a um pré-aperfeiçoamento, através de leituras musicais, práticas didáticas apresentadas pelo diretor musical, e pelo estudo teórico em discussões periódicas, relacionando – se com a linguagem própria do teatro em termos de experiência e acúmulo, já que “a música faz parte do teatro, é um dos componentes das artes cênicas – já que o teatro é uma arte polifônica”. (CHAVES, 2020, p.149). Por fim, para abordar o

termo “dialético” na prática musical e na composição coletiva de um grupo de atores não letrados em música, recorro ao uso incessante da história nas alegorias carnavalescas e na sua relação com a construção de um samba-enredo, que parte de um princípio dialético ao executar (tocar) o samba como parte indissociável da história exibida na avenida, através de uma polifonia do povo, pois “o público do sambodrama é quem vê a escola como um todo [...]” (LIMA, 2021. p. 160).

Por visões como estas, da música fora das classificações hierárquicas eruditas, que elencam a bela e a má arte, é que o fluxo das contradições pode – se dar a partir da experiência de um coletivo, na composição íntegra e cheia de retalhos de uma música, que pode ser considerado dialético, a partir do momento em que ela não é pensada para dentro ou fora da cena, mas sim em uma relação de fluxo e refluxo com a cena, sem ignorar a experiência e a história dos artistas que a compõem. Não atoa, que um dos trechos mais simplórios do repertório musical de “Youkali – a ilha da magia” seja o final da música intitulada “Música do Trabalho”, que foi composta em coletivo a partir das indagações feitas pelo grupo em relação às figuras representativas que abarcavam a história ficcional da peça, mas que se relacionavam de maneira contraditória com a história de cada indivíduo que a representava, e curiosamente, a música que antes saía de uma cadência cabareística, acaba por neste trecho, desaguar em um samba:

*“Nenhuma imagem será capaz, de extrair de mim
A labuta do sofrimento, o cheiro do descaso
A verdade inquestionável da liberdade que há de vir..”*



Figura 1. Capa de lançamento da primeira música da peça radiofônica, intitulada “Maralto”.

Palavras-chave: Teatro. Música de Cena. Dialética. Musical. Radiofônica.